

GRÊMIO ARARIENSE DOS ESTUDANTES - GAE

Abdelaziz About Santos¹

Buscando na memória lembranças da história do Grêmio Arariense dos Estudantes – GAE - meus pensamentos voam na direção de algumas de suas lideranças aí pelos idos de 1961/62, estando eu com 15/16 anos quando comecei a fazer parte desse agrupamento de estudantes: José Fernandes, José Benedito Pestana, João Lima, Manira, Lélis e José Oliveira (falecidos) Têla, Cida Ericeira, Ester Salomão, Lourdinha Gusmão, entre outros. Acredito que todos esses companheiros e companheiras fizeram parte da U.A.E (União Arariense dos Estudantes), precursora do GAE, que é sucedido pela Fundação Cultural de Arari, ainda hoje existente.

O GAE nada tinha em comum com os grêmios estudantis, entidades cuja abrangência restringia-se a um determinado colégio, mas tratava-se de uma associação aberta para a sociedade, nela podendo filiar-se todo e qualquer estudante de Arari que estivesse cursando o ginásio, o nível médio ou universidades. Era uma entidade diferente, “sui generis”, somente se assemelhando à ACREP – Associação Cultural e Recreativa dos Estudantes de Pinheiro.

Era algo especial na vida do estudante filiado, porque se unia a outros para refletir sobre as coisas de sua cidade, iniciativa pouco comum no meio estudantil maranhense da época e, quiçá, até mesmo no Brasil.

A área cultural, antes de qualquer outra, constituía-se na essencialidade da práxis do GAE, pela simples razão de que a idade mesma em que iniciamos as atividades gremistas nos levava naturalmente às nossas raízes primeiras, como se buscássemos na forte identidade cultural de nossa gente a seiva que dava ânimo e vida às intensas atividades partilhadas com todos e, o que era mais importante, com parcelas da própria população adulta de Arari. Multiplicavam-se os eventos promovidos pelo GAE, que teve boa imersão no folclore popular de nossa terra, onde pontificou a quadrilha junina liderada pelo grande líder João Canoa, que a comandava em francês, como convinha às tradições brasileiras importadas da França no século XIX. Iniciava, como naquele País, a sequência das danças a que se sucediam outras brincadeiras na noite, e em que o charme próprio da juventude dava o tom multicolorido das vestimentas e de suas vulcânicas emoções.

¹ Membro fundador do Grêmio Arariense dos Estudantes e da Academia Arariense de Letras Artes e Ciências (ALAC).

Bailes de formatura regados a grandes orquestras locais ou regionais marcaram época, levando contingentes substantivos de pessoas das redondezas e de São Luís para partilharem de nossas alegrias. O Casino Arariense de Manuel Abas era o palco preferido pela moçada. Gincanas as mais diversas animavam o espírito cultural e festeiro da cidade, gincanas que mexiam com centenas de pessoas que eram buscadas pelos participantes na corrida para se municiarem das provas que a contenda exigia. Piqueniques do outro lado do rio não faltaram na diversidade dos eventos, logo eles que prenunciavam namoros que permaneciam por longo tempo e não raras vezes em casamento se transformavam.

Até a segunda metade do século passado, como todos sabemos, Arari era uma comunidade que guardava forte preconceito racista, mercê de sua rica tradição de engenhos de cana, mais de duas dezenas, movidos a mão de obra descendente de escravos. Ali as famosas festas de carnavais se dividiam ou multiplicavam em três segmentos bem distintos: para brancos, pardos e negros, e isso era religiosamente cobrado pela sociedade dos brancos. Como não poderia deixar de ser, pardos e negros não tinham permissão para freqüentar os bailes das pessoas brancas, mas os brancos frequentavam as festas de pardos e negros e nelas eram recebidos com muita reverência.

Relembro esse passado desconfortável, de resto para toda a sociedade brasileira, para comentar o papel político de grande importância que teve o GAE na implosão dessa chaga social. Tínhamos nos nossos quadros companheiros de cor negra, militantes de vanguarda de nossas lutas, que participavam de todos os eventos da entidade, inclusive dos seus famosos bailes. Assim é que fomos intimados por brancos preconceituosos a retirar do baile um estudante de cor negra. Não deu outra: os brancos é que se retiraram, permanecendo os negros, e foi por essa via que o racismo foi se aquebrantando em nossas terras.

Logo tomamos consciência que as atividades do GAE não poderiam limitar-se às de cunho puramente cultural enquanto manifestações artísticas, mas ganhavam celeremente as reais dimensões de cultura como o modo de ser e viver de uma sociedade. A atividade política, ainda distante da eleitoral, passou a ser o centro das preocupações da Entidade, principalmente após o Golpe Militar de 64, para eles a Revolução de Março, para nós, da esquerda brasileira, a famigerada ABRILADA, denominação que gostávamos de frisar para significar a grande mentira que era – e foi – esse triste e castrador episódio da vida nacional. Muitos de nós fomos chamados ao 24º Batalhão de Caçadores para responder a investigações por conta do famoso artigo O QUARTO PODER do conterrâneo e vigoroso intelectual João

Batista Ericeira, publicado em uma das edições de Vanguarda, o jornal do GAE, e pelas nossas incursões na zona rural do município de Arari defendendo o direito dos camponeses à terra em que trabalhavam.

Em Arari, o jornal Notícias, da Associação da Doutrina Cristã, exibia manchetes perigosas para confundir a opinião pública e nos deixar desconfortáveis junto às autoridades militares, que detinham o poder de mando discricionário da época. Verdes por fora, vermelhos por dentro, foi uma dessas manchetes que pretendia nos rotular de comunistas, estes vistos pela população como a encarnação do demônio na terra. Foi um período difícil em que as pessoas mais velhas, nossos próprios parentes, inclusive, nos lançavam olhares inquietos, debatendo-se internamente entre a desconfiança e o amor. Venceu naturalmente o amor, já que o mal não é nefasto apenas para o bem, mas termina por destruir-se a si próprio. Pois o mal, vivendo somente da negação, não pode subsistir em si mesmo.

Vanguarda, jornal do GAE que marcou época nas letras ararienses, desdobrava-se em editoriais e artigos de frente da luta política que nos tomava os dias e as noites. Estávamos em 64, a ABRILADA coincidiu com uma das maiores enchentes do Mearim, fenômeno da natureza que elevava o rio a grandes alturas e vinha se repetindo de década em década. Por esse tempo, já possuíamos também a Voz Arariense dos Estudantes, amplificadora que era outro instrumento de nossa pregação política, além de divulgadora de nossas poesias e poemas. Noite densa, tanto pela escuridão como pelo ambiente social efervescente, estávamos lá, David Maciel Santos, de saudosa memória, e eu a navegar de canoa de nossas casas até o auto-falante, instalado numa guarita que construíamos ali em frente ao Bar do Justino. Haja nós a deitar falação para uma cidade silenciosa, tomada pelas águas do portentoso Mearim, o som se propagando com mais velocidade, David liderando, eis que exímio orador, articulista de boa cepa e consagrado redator. Duas horas de discursos inflamados no meio da noite em que não se via viva alma, sem saber o que nos poderia acontecer após a pregação. Lanterna nas mãos, voltamos ao abrigo de nossas casas são e salvos, mas com os corações batendo a pulsações fora da normalidade.

Antes de nossa guarita, a Voz Arariense dos Estudantes mereceu abrigo providencial do queridíssimo amigo Eliezer Martins, que, compadecido do nosso sufoco de não termos onde instalá-la, ofereceu-nos generosamente uma sala de sua residência para isso. Grande companheiro, o Eliezer, já falecido, a quem nós, estudantes de então, muito devemos. Porque não apenas consentiu em abrigar a amplificadora do GAE, mas nos dava o apoio moral para

continuarmos nossa luta a partir de sua casa. Eliezer esteve presente em todas as atividades realizadas pelo Grêmio, bem à frente, marcando posição altaneira e nos confortando a todos em nossas dores, pequenas ou grandes.

Por esse tempo, entra em cena ombreando-se com o GAE uma figura de grande destaque nas lutas sociais e políticas de São Luís, o acadêmico de direito e vice-presidente da União Maranhense dos Estudantes, vinculada à União Nacional dos Estudantes, antítese dessa que hoje está por aí amordaçada pelos poderosos de plantão, Cleomenes Carneiro, que emprestou o concurso de sua inteligência e coragem da época às lutas que se desenvolviam em Arari. Ficou célebre o seu discurso no pátio de Galdino quando plageou a famosa frase do imortal Castro Alves: A PRAÇA É DO POVO COMO O CÉU É DO CONDOR, isto porque autoridades locais intentavam impedir-nos de ocupar logradouros públicos.

De todos os lados sofríamos ataques e admoestações. O juiz de Direito, Murilo Moreira de Souza, vinculado politicamente à linha doutrinária do Pe. Brandt, com quem já vivíamos às turras, fez audiência para incriminar-nos e nos desmoralizar ante a população, ameaçando-nos de prisão se outra edição do Vanguarda circulasse pelas ruas de Arari. Tudo isso pelo temor da virulência com que escrevíamos, destaque para o editorial o Rei Nu, redigido pelo David, nosso editorialista-mor, que fez história, mostrando a face nua e crua das manobras impiedosas que o vigário desfechava contra os estudantes. O feitiço virou contra o feiticeiro, pois o jornal circulou na mesma hora. Como? Não podendo chegar à cidade em razão do destacamento policial determinado pelo Juiz para impedir a circulação, Leão Santos Neto, meu irmão, gremista atuante, depois Presidente, servindo-se de sua amizade com o dono da empresa de aviação onde trabalhava, conseguiu um vôo rasante bem em cima da cidade de um dos seus teco-tecos, e os jornais desciam dos céus aos montões e em pacotes. Foi a mais lida de todas as edições. Bela desmoralização os estudantes do GAE fizeram o Juiz passar! Babava de raiva o senhor Juiz.

Com estudante ninguém pode. Nada têm a perder. Estão no começo da vida. Para eles, tudo é possível. O mundo está a seus pés, nada lhes mete medo. São a coragem encarnada. Isto não entenderam aqueles desprovidos da habilidade para conduzir com suas experiências uma convivência pacífica com o estudantada. Ruim para nós, pior para eles.

A política partidária nos atraía, e por mais que tentássemos dela nos afastar, logo, logo éramos pescados em suas grandes malhas. José Fernandes, intelectual de peso, escritor de muitos livros publicados, jornalista, poeta, tipógrafo, membro de academias de história, de

artes, de letras e outras coisas mais, já tendo sido vereador, resolve candidatar-se a prefeito, aí pelos idos de 1978, logo depois da administração Caiçara, homem sério, recatado e de verve brilhante, cujo mandato era cheio de boas intenções, mas carente de realizações concretas. Logo que o turno vespertino de trabalho terminava, viajávamos de jipe, único carro da campanha, de São Luís a Arari, veículo cedido pelo então presidente da Caixa Econômica Estadual do Maranhão, Fausto Prazeres. Nunca menos de nove militantes se deslocavam para Arari em velocidade máxima permitida pelo valoroso jipe para chegar a tempo pros comícios da noite. Impedidos de passar no posto da Polícia Federal de Pedrinhas, alguns companheiros saltavam do jipe 1 km antes para alcançá-lo de novo 1 km depois do posto, burlando assim gloriosamente os plantonistas.

A candidatura de José Fernandes, mesmo sem qualquer possibilidade de êxito teve o mérito de unir as mais variadas e retrógradas forças políticas contra ela. Que grande ameaça de sua plataforma de campanha! Reforma agrária, terra para quem nela trabalha, saúde e educação como direito de todos, alfabetização de adultos nos moldes do método do emérito educador Paulo Freire, incentivo às artes, democratização do poder público, etc., enfim, coisas demais para nossa gente. Nem a população nos entendia, nem nós a ela. A derrota eleitoral foi enorme, mas saímos vencedores politicamente, porque demos aos adversários o bom combate, com uma campanha diferente, elevada em termos de teses políticas até então desconhecidas de nosso povo.

Por esse meio tempo, sem que a memória possa precisar datas, a batalha do GAE com o Pe. Brandt beirava o precipício das palavras verbais e escritas. A Voz de Arari e o jornal Notícias, de um lado e, de outro, a Voz Arariense dos Estudantes e o jornal Vanguarda trocavam farpas pesadas que desciam às vezes a palavrões grosseiros. O Pe. Brandt nos insultava e replicávamos com insulto igual ou maior.

Há um episódio em toda essa disputa midiática muito pouco comentado: estávamos perdendo a batalha da imprensa, pela nítida tradição da Voz de Arari e do Jornal Notícias quando resolvemos utilizar um macabro artifício que pôs fim à guerra. Imprimimos uma falsa edição em tudo semelhante ao jornal Notícias em que o Padre pedia perdão aos ararienses por tudo de mau que ele teria feito à população e aos estudantes. Ficou impossível para o jornal Notícias desmentir-se. Cada vez que tentava, indagávamos qual dos padres estava falando, se o que costumava ofender ou o que pedia perdão. O então deputado Neiva Moreira e o Arcebispo Evaristo Arns saíram em defesa do Padre, caracterizando o nosso ato como crime

de falsidade ideológica. Estavam certos, mas a guerra da mídia encerrou-se praticamente aí com a vitória dos estudantes. Uma espécie de vitória de Pirro.

Foi no meio de todas essas desavenças que surgiu o hoje tradicional Festival da Melancia. O Pe. Brandt decidiu que não deveria haver festas profanas depois dos rituais religiosos encetados na Festa de Bom Jesus dos Aflitos. Ora, a rapaziada ansiava pelos bailes da temporada, já que centenas de ararienses de todo canto do Brasil programavam – e ainda hoje programam - visitar sua cidade e os seus familiares no período desse grande e tradicional festejo. Não deu outra. O GAE inventou o Festival de Melancia para dar conta dos outros tipos de festas que não as religiosas, com a ajuda do Cônego Eliud Arouche, vigário da vizinha paróquia de Vitória do Mearim, que, a nosso convite, fez a pregação religiosa e abriu, por assim dizer, um novo marco no calendário turístico e festivo do município. Estava instituído o Festival de Melancia que permanece vivo, embora sem o brilho cultural de antigamente. Não havia tréguas.

Momentos tristes vivemos todos já que o Padre teve importância crucial na nossa formação intelectual. Felizmente, com o passar do tempo as arestas foram minguando até a desejada reconciliação final. Acompanhado de minha mãe e irmãos fizemos uma visita amorosa ao Pe. Brandt já perto de sua morte e por ele fomos também amorosamente recebidos. Nossas almas se encontraram e todos ficamos em paz.

O GAE teve momentos auspiciosos de brilho cultural. Muitas personalidades artísticas, intelectuais, cientistas e outros foram convidados a presentear a comunidade arariense com o seu saber. Lembro-me, a propósito, de dois importantes eventos: a conferência do economista Bandeira Tribuzzi e a palestra seguida de declamações de poesias por Carlos Cunha. Ambos, o poeta e o intelectual, este, por sinal, também poeta, brindaram a população com suas genialidades próprias, mercê do conceito que a entidade estudantil havia amalhado junto aos meios políticos e acadêmicos de São Luís.

Aos poucos, entre recuos e avanços, íamos amadurecendo na luta estudantil e política. Assim como está registrada na nossa história a marca indelével dos ensinamentos escolares e outros do Pe. Brandt, a quem sempre seremos gratos pela orientação que nos deu das primeiras letras, o GAE era tido por nós como uma escola de vida e aprendizagem e teve fundamental importância na projeção política de muitos dos seus integrantes. São dezenas de cargos públicos de real destaque assumidos na esfera estadual e federal, além do exercício de mandatos eletivos de alguns de nós. A carreira política de Leão Santos Neto, que também

presidiu a agremiação, tendo sido prefeito de Arari por três mandatos, tem suas raízes no exercício das lutas cívicas que travamos em defesa de nossos ideais.

O estímulo à literatura, às artes e à cultura em geral era permanente no seio da agremiação. Jornal, revistas e livros mereceram publicação com o selo do GAE, quer este selo estivesse visível, com a marca registrada da entidade, quer simplesmente estivesse invisível aos olhos, por ser essencial.

A preocupação com o estudo da juventude arariense à qual faleciam os meios materiais para cursarem o nível médio ou universitário em São Luís sempre esteve presente em nossas reflexões e debates. É nesse contexto que surge o Colégio Comercial de Arari, de nível médio, para formar técnicos em contabilidade, já que a Associação da Doutrina Cristã em boa hora havia criado o curso normal, formando professores de nível médio. Por exigência de lei, o Colégio Comercial precisava de uma entidade mantenedora para assinar convênios e contratos com órgãos públicos e outras coisas do gênero. Surge, então, a Fundação Cultural de Arari, sucessora do Grêmio Arariense dos Estudantes, juridicamente organizada como fundação privada junto ao Ministério Público, até hoje existente e com prédio próprio de bela arquitetura e de sólida estrutura física, construído em uma das gestões do Prefeito Leão Santos Neto (convênio celebrado entre o Estado e a Prefeitura de Arari). Dez mil dólares conseguidos de uma fundação canadense também contribuíram para a construção da quadra esportiva e do muro que protege o prédio. Por ali já passaram milhares de alunos, hoje profissionais reconhecidos em todo o Maranhão.

Foi na gestão presidencial de Leão Santo Neto que nos aproximamos do Dr. José Ribamar Bastos Silva, Dr. Bastos na intimidade. Advogado, formado no Rio de Janeiro, intelectual de boa cepa, homem de integridade sem par, conterrâneo ilustre, já mais experiente e maduro do que muitos de nós, com ele tivemos o prazer de uma convivência que se eterniza até hoje para o meu regozijo pessoal. Com ele muito aprendi e ainda hoje aprendo. Calmo, sereno, de fala mansa, mas de um vigor incomparável nas atitudes, advogou para a Fundação o litígio jurídico que envolveu uma das figuras mais queridas e admiradas dos estudantes: José Benedito Pestana, já falecido, advogado, professor de raro talento, brilhante na profissão que adotou, mas que por uma dessas razões que nunca nos fica clara resolveu administrar o Colégio Comercial sem jamais prestar contas dos seus atos a quem quer que fosse. O caminho não poderia ter sido outro a não ser o judicial, caminho percorrido pela Fundação sob a

orientação competente do dr. Bastos, que, ao final do processo, obteve a vitória de sua tese na Justiça.

Foram muitos os presidentes do GAE e da Fundação. Eu próprio fui um deles. Todos cumpriram papéis essenciais na vida da organização. Mas quero registrar, e o faço com muita emoção, o período em que a entidade foi presidida por João Maciel Filho, sem dúvida o mais difícil de sua história, por ter coincidido com o início da Ditadura Militar. A todos os seus membros e aos seus presidentes o meu eterno carinho e, de modo especial, ao Maciel o meu mais profundo respeito pelo fecundo e corajoso trabalho à frente do Grêmio Arariense dos Estudantes.

Resta-me fazer menção especial a um gremista, irmão de coração, em cujo convívio desfrutei noites inteiras, muito aprendi, me alegrei e sofri, a quem quero dedicar estas últimas palavras em homenagem póstuma. Refiro-me a Davi Maciel Santos, incansável lutador das causas sociais, a quem cabe com toda honra a máxima de Bertold Brecht: “há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis”.